

**A FOTOGRAFIA E A CONCEPÇÃO DE BELO NA CONTEMPORANEIDADE**

**Trabalho em co-autoria escrito por\***

**Eduardo Leocádio Teixeira**

**Fernanda Correa da Silva**

**Patrícia Maria Teixeira**

**Priscila Araújo**

**Resumo**

Ao longo da história, o imaginário das sociedades esteve intimamente ligado ao seu contexto sócio-político-cultural. Um dos aspectos que o marcaram foi a discussão a respeito da concepção de belo. O presente trabalho pretende traçar o caminho da arte até a sua virtualização, discutindo o conceito de belo na Antiguidade clássica e relacionando-o com o conceito de belo na contemporaneidade, utilizando como principal exemplo a fotografia digital.

**Palavras-chave:** arte; belo; fotografia digital

**Abstract**

Throughout history, societies' imaginary was connected to its social-political-cultural context. One of the aspects that marked this imaginary it was the discussion about the conception of beauty. This work intends to trace the way of the art until its virtualization, comparing the concept of beauty in the classic Antiquity to the concept of beauty at contemporary time, using as main example the digital photograph.

**Word-key:** art; beauty; digital photograph

---

\* Alunos do curso de Graduação de História da Universidade Candido Mendes

## O BELO E A ARTE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Platão desenvolve sua concepção filosófica a partir da *Teoria das Idéias*, baseada na natureza essencial das coisas e no chamado dualismo platônico, que opõe o mundo sensível ao mundo das Idéias. O primeiro seria o mundo em que vivemos, e o segundo seria o plano superior e absoluto do conhecimento. Na esfera estética, segundo o filósofo, o conceito de belo se afastava do juízo do homem, sendo este apenas um objeto passivo, onde não lhe cabia julgar o belo do não-belo.

Em relação à arte, Platão acredita não passar de ilusão, uma verdadeira mímese do mundo sensível. Neste caso, o artista estaria duplicando o mundo sensível que, por sua vez, não é mais do que uma imitação do mundo das Idéias. Para ele, a maior parte do que se considerou e ainda se considera geralmente arte inclui-se no conceito de “arte mimética” (PANOFSKY, 1994:10).

Em contrapartida, Aristóteles possuía concepções antagônicas às de Platão, apesar de ter sido inicialmente seu discípulo. Para Aristóteles, as artes (teatrais, plásticas, literárias) desempenham um papel fundamental na representação da sociedade, principalmente, no que tange à educação. A arte seria o caminho para a demonstração de todas as qualidades humanas, devendo ajudar na formação de um caráter positivo da sociedade. Segundo o filósofo, a realidade era, de fato, o mundo em que ele vivia, sendo o seu conceito de arte mimética baseado no argumento de que “a arte imita a vida”.

Mas, tanto para Platão quanto para Aristóteles, a arte não deveria ter compromisso com o belo, e sim, com a verdade, levando o indivíduo a refletir.

No que concerne às obras de arte no período da Antiguidade clássica, não há corpo humano que seja tão simétrico, tão bem-construído e belo quanto o das estátuas gregas. As pessoas pensam freqüentemente que o método empregado pelos artistas consistia em observarem muitos corpos e deixarem de fora qualquer característica que não lhes agradasse; que começavam copiando meticulosamente a aparência de um homem real e depois o embelezavam, omitindo qualquer irregularidade ou traço que não se harmonizasse com a idéia de um corpo perfeito. Muitos dizem que os artistas gregos “idealizaram” a natureza e que a conceberam em termos de um fotógrafo que retoca um retrato eliminando pequenos defeitos (GOMBRICH, 1999:103)

## O FIM DA ARTE

Arthur Danto argumenta sobre a idéia de um fim da arte, a mais controversa de suas teses, que, com efeito, nada é senão o fim de uma grande narrativa evolutiva da arte. Ou seja, a essência da arte é histórica: o fim da arte não é o fim das obras de arte, mas sim o fim de uma história da arte, uma história composta por movimentos, obras particulares e estilos, nos mostrando uma quase contínua linha de progresso artístico. Deixou-se, assim, esvair a possibilidade de explicar a arte através de manifestos e narrativas.

Segundo Danto, o fim da arte aconteceu nos anos 60, com a arte Pop. Essa arte era baseada, principalmente, em signos e símbolos da cultura de massa, como a publicidade, a fotografia, quadrinhos, televisão e cinema, além de utilizar objetos do cotidiano e diferentes materiais para a realização das obras. O que inspira a criação dessas novas obras é a liberdade, ou seja, há uma mistura de estilos e tipos de artes, cores, formas e materiais – tudo é permitido. Essa proliferação de estilos nessa era pós-histórica resulta também na inexistência de critérios para distinguir arte do que não é. Há uma série de deslocamentos semânticos – do imperativo formalista ao pluralismo pós-histórico, da pura pintura à contaminação das novas mídias na cultura vernácula do Pop, da estética do belo ao *abuso da beleza*.

Danto afirma que a revitalização e redefinição do belo e da beleza para a vida e a arte contemporâneas ajudam a explicar porque a beleza é um valor, e não apenas mais alguma coisa na “mente do observador”. Contanto que algo seja moralmente aceitável, o fato de ser belo contribui para que o mundo seja um lugar melhor. Ou seja, num certo sentido, a beleza é uma necessidade moral.

## ARTE E IMAGINÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

A história da arte está intimamente ligada à história das técnicas. Desde sempre os artistas produzem suas obras através dos meios e das técnicas que pertencem ao seu tempo. Assim ocorreu com a cerâmica e com as esculturas em mármore e bronze – esculpidas por avançadas técnicas de proporção – na Grécia Antiga, com a tinta a óleo e a perspectiva no Renascimento e com a fotografia e suas possibilidades de captação de imagens na segunda metade do século XIX

4

(LÉVY, 1997). Novas tecnologias sempre modificaram os sentidos do homem, desencadeando mutações sensoriais e intelectuais, provocando, inclusive, grandes transformações estéticas. Com a Revolução Industrial, surgiu o ponto de mutação mais significativo da história da arte: a câmera fotográfica. A fotografia marca o fim da exclusividade das artes artesanais e o nascimento das artes tecnológicas (SANTAELLA, 2003:152). Ao inaugurar a era da reprodução mecânica das obras artísticas, a fotografia suscitou uma miríade de problemas estéticos e materiais que influenciaram o imaginário artístico do início do século XX. A então arte moderna, envolta pelo fascínio da técnica, da velocidade, do movimento e pelo ingresso de novas mercadorias no cotidiano, transformou radicalmente a concepção de arte, a sua função social, os conceitos de representação e as concepções estéticas (BENJAMIN, 1996).

Na década de 1990, os cenários culturais midiáticos pós-modernos começaram a conviver com uma verdadeira revolução da informação e dos meios de comunicação, conhecida como revolução digital. Sua principal base foi o surgimento de novos aparatos tecnológicos baseados na lógica do digital, refletindo-se na transformação do imaginário social. A produção de signos imagéticos através da utilização de tecnologias cada vez mais avançadas vem transformando tanto o processo de produção quanto a própria forma de perceber as imagens e o mundo. O computador é, talvez, o maior mecanismo de produção e manipulação de imagens. Com ele, a imagem – que na pintura era fruto e um instante único, posado e na fotografia era a captura do real – ganha ares artificiais. O registro da espontaneidade do momento é que ganha destaque, a própria manipulação e reconstituição desse registro passa a ser possível através da fotografia digital e da conseqüente popularização das câmeras digitais – o instante torna-se reconstituível.

**BIBLIOGRAFIA:**

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, vol.1: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOMBRICH, Ernst H.. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LCT, 1995.

LÉVY, Pierre. *Tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1997.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PANOFSKY, Erwin. *Idea. A evolução do conceito do belo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

**SITES:**

[www.cchla.ufpb.br](http://www.cchla.ufpb.br)

[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)

[www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br](http://www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br)

[www.unifebe.edu.br](http://www.unifebe.edu.br)